

**NIEP  
MARX**Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>A divisão do indivíduo</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Pedro Magalhães Lopes</b>	Universidade Federal Fluminense – Instituto de Artes e Comunicação Social & Pontifícia Universidade Católica - Rio de Janeiro, RJ – Coordenação Central de Extensão	IACS/UFF  CCE/PUC- RIO	Graduando  Pós- graduando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O presente trabalho tem por função estimular produções associativas através da influência da obra de Marx na psicanálise de Freud e Lacan. Não obstante, este projeto analisa possíveis novas conexões a serem estabelecidas entre estas duas correntes de pensamento que mudaram o curso da história intelectual e política, de modo a repensar as formas de relações do sujeito com o sistema social que o controla, que o absorve, que o divide, que o define como sujeito (§).</p> <p>Freud, em 1915, trabalha o conceito de recalque das pulsões carregadas de desejo de modo que o sujeito venha a recalcar sua sexualidade visando uma produção laboral para o Estado; este que se apropria do sujeito, do operário, e de parte de seu gozo, deixando de herança um sintoma, que Lacan esquematizará através da mais-valia de Marx, consistindo em uma incessante busca do gozo perdido, o mais-gozar.</p> <p>O mal-estar que Freud descreve em 1929 define como a maior fonte de sofrimento do ser humano sendo, justamente, a relação humana na cultura. Portanto, por meio da dialética da repressão social e do recalque do sujeito é que ele conseguirá conviver com seus semelhantes na civilização e, claro, trabalhar. Através do modo de produção capitalista, o sistema econômico oferecerá em troca de tais abdições do sujeito, alguns gadgets, alguns aparatos de recuperação rápida e momentânea de gozo perdido.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Sujeito; mais-valia; gozo			
ABSTRACT			
<p>The present work has the function to stimulate associative productions through the influence of Marx's work in psychoanalysis of Freud and Lacan. Nevertheless, this project examines possible new connections to be established between these two currents of thought that changed the path of political and intellectual history, enabling to rethink the ways of relations of subject and social system that controls him, that absorbs, that divides, that defines him as subject (§).</p> <p>Freud, in 1915, with the concept of repression of the instincts laden of desire that the subject will repress his sexuality targeting a production of work for the State, which appropriates this subject, the worker, and part of his joy leaving behind a symptom, Lacan will diagrammatize through the add-value of Marx, consisting of a relentless pursuit of enjoyment lost, the most-enjoyment.</p> <p>The malaise that Freud describes in 1929 defines that the largest source of human suffering is precisely the relation in human culture. Therefore, through the dialectic of social repression and repression of the subject's instincts, is that he can live with his fellows in civilization, and, of course, can work as well. Through the capitalist mode of production, the economic system will offer in exchange for such waivers of the subject, some gadgets, some apparatuses of quick and momentary recovery of his lost-enjoyment.</p>			
KEYWORDS			
Subject; add-value; enjoyment			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a formação humana			

## **A divisão do indivíduo**

Pedro Magalhães Lopes\*

Setembro, 2013

\*Psicólogo formado pela USP-RP em 2011. Atualmente estudante de cinema e audiovisual na UFF, RJ e pós-graduando em Psicologia Clínica pela PUC-RIO.

O *homem* (termo mais usado na obra de Marx) ou o *ser humano* (em algumas partes da obra de Freud) ou o *sujeito* (do ensino de Lacan) recebem, no título do presente artigo, e somente nele, o epíteto de “indivíduo” não apenas para que se possibilite pensar em terminologias - de modo a não apresentar o trabalho estritamente de acordo com um ou outro dos conceitos, permitindo-me, inclusive, variar entre eles -, mas, também, para trabalhar a nomeação de um ser que justamente se apresenta como o que se não é, sendo, deste modo, a exata negação de sua negativa. Em latim: *individuus*, “o que não é dividido”, de *in*, “não”, e *dividuus*, “divisível”, de *dividere*, *dividir* [1]. Claro que se tratando de analisar o ser pelo viés da interface marxista e psicanalítica e, não obstante, enlaçada aqui na etimologia, pulsa aos olhos a ligação entre o ser dividido e o ser endividado. Chegaremos aí, pois, mais adiante.

Freud, na explosão da Primeira Grande Guerra e em pleno estabelecimento do modo de produção fordista escreve que [2]

“O móvel da sociedade humana é, em última análise, econômico; como não possui provisões suficientes para manter vivos todos os seus membros, a menos que trabalhem, ela deve limitar o número de seus membros e desviar suas energias da atividade sexual para o trabalho. Em suma, defronta-se com as eternas e primevas exigências da vida, que nos assediam até o dia de hoje.” (FREUD, 1915/2006, p. 317).

Ao falar do desvio da energia sexual por parte dos trabalhadores, dos *operários* - trazendo para o contexto histórico em que Freud escrevia, cuja leitura permanece hoje tanto quanto à época - a fim de se disporem ao trabalho alienante das fábricas, não é tocado, nem mesmo arranhado, o conceito de sublimação. É de grande importância tal diferenciação para elucidar a oposição entre estes dois modos de produção de trabalho. O trabalho nas fábricas fordistas consistia fundamentalmente em reprimir tudo aquilo que não figurasse na atividade exclusivamente motora e repetitiva e de alto nível de *concentration*<sup>1</sup> por 12, 15 horas diárias ou mais, buscando o maior lucro que esse sujeito dessubjetivado pudesse render ao patrão. Na sublimação, todavia, a concentração desumanizada, ou anti-humanizadora, é substituída pelo trabalho intelectualizado, artístico, expressionista... do sujeito que o incorpora – que lhe dá corpo – através de um certo contorno do recalque, de modo a utilizar-se de seu sintoma para dar voz a seu (sujeito do) inconsciente, uma vez que “o núcleo do inconsciente consiste em representantes pulsionais que procuram descarregar sua catexia; isto é, consiste em impulsos carregados de desejo” (FREUD, 1914-1916/2006, p 191) [3]. Este, oposto àquele, consiste em um trabalho altamente subjetivante, consistente de um ser que, ao se exprimir através do trabalho sublimado, dando voz à sua linguagem

<sup>1</sup>[“Con”, do francês, “otário”; em alusão a uma concentração inversa àquela da produção artística, científica ou intelectual.

do inconsciente, e, principalmente, ao seu desejo, através de uma satisfação pulsional antes inimaginável, se percebe sendo. Através desta sublime ação - além daquele trabalho libertador no qual o homem se agrega, relacionando-se diretamente à natureza, com finalidade única de bem viver -, se poderia colocar que, como dizem, “o trabalho dignifica o homem”. Por mais que tal frase pouco exprima algo, de fato.

Através do desvio da energia sexual, podemos partir para uma outra análise própria deste mesmo objeto, desta mesma causa, em direção ao *sintoma*. Antes, todavia, de alcançar o sintoma, se é válido pensar nas relações sociais através da postulação de Freud, em 1929. Neste texto [4] são apresentadas as três fontes de sofrimento que ameaçam a humanidade, desde seu início:

“de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de *acréscimo gratuito*, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes” (FREUD, 1930 [1929]/2006, p. 84-85) (grifo nosso)

Freud aqui apresenta um exemplo do materialismo presente em seu pensamento - que, por sinal, também permeia toda sua obra, à qual Lacan posteriormente denominará com o neologismo *materialisme* (materialismo através do significante) - ao especificar as duas primeiras fontes de angústia do ser humano que, não obstante, são dialéticas e se correlacionam. Tal materialismo é consolidado fora da vida psíquica, essencialmente, diante da fragilidade desta perante 1. o frágil corpo anatômico, carnal, passivo da deteriorização enferma, temporal ou repentina e 2. acerca do mundo externo, também fisicamente apresentado, conjecturando a imensidão do ambiente, materialmente proporcionado, afirmando, de modo perene, a vulnerabilidade do homem ante a tudo que o circunda, podendo este sofrer inúmeras consequências aleatórias frequente e permanentemente. Terremotos, tsunamis, meteoros, trovões, deslizamentos de terra, bala perdida, assaltos, sequestros, estupros, acidente automobilístico, etc e etc.

Diante das mais variantes situações - mesmo que muitas vezes improváveis - que o sujeito é/está sujeito a padecer apenas por estar vivo, o homem contemporâneo se resguarda, como diria Žižek, de imaginar uma leve alteração estrutural no sistema econômico, se prontificando, porém, a qualquer desastre e catástrofe em escala global. “É mais fácil imaginar a morte de toda forma de vida do planeta que uma pequena mudança no sistema econômico atual”. [5]

Diante disso, todavia, pode-se contestar o valor de tal afirmação com as manifestações e organizações civis de protestos que acompanhamos hoje: abancando a partir de 2008, com a crise econômica, passando pelo *Occupy Wall Street* em 2011, até as atuais manifestações na Turquia, Grécia, Egito e Brasil.

Facilmente se constrói o argumento – pertinente, de certo modo - de que é evidente a crise do capitalismo e vivemos, agora, uma transformação social em âmbito mundial, para além do ocidental. Pergunto, entretanto, qual o nível e destino de tal mudança. Somos capazes de imaginar um sistema globalizado sócio-político-econômico que não seja abarcado e povoado pelos tentáculos do capital? Imaginamos, uma sociedade a nível mundial, continental, nacional, estadual ou, mesmo, municipal, que não se baseie em dinheiro? Em mercado? Em capital? Imaginamos todas essas estabelecidas organizações espaço-populacionais sem a mediação de um *Recht*<sup>2</sup>, estritamente unido a tal predomínio integral de funcionamento exploratório, corroborando-o e perpetuando-o?

A única resposta afirmativa que se apresenta alcançável a todas estas perguntas é: “Sim. Comunidades, aldeias, tribos isoladas do contato civilizatório e catequizador que permanecem até hoje em funcionamento, alheio à forma-mercadoria, e sem a gestão de um *Recht* – escrito, rijo, inexorável - que ordene o funcionamento daquele agrupamento de pessoas”. Entretanto, é inexecutável pensarmos em semelhante modo de arranjo social considerando as, ditas há pouco, organizações espaço-populacionais já constituídas desde a transição do sistema feudal, no Velho Mundo, ao capitalista financeiro de hoje, passando pelo mercantilismo das Grandes Navegações e decorrente solapamento das populações e organizações - em todos os âmbitos sociais, coletivos - indígenas do Novo Mundo até então estabelecidas.

Pierre Clastres [6], inclusive, trabalha aprofundadamente o modo de funcionamento ameríndio pré-1492 e revela interessantíssimos pensamentos inovadores no campo histórico e sociológico daquelas populações que tratam de complexificar essa afirmativa quanto a possibilidades de existência de uma organização paritária fora dos moldes da exploração e desigualdade de direitos.

“Na sociedade primitiva, sociedade essencialmente igualitária, os homens são senhores de sua atividade, senhores da circulação dos produtos dessa atividade: eles só agem para si próprios, mesmo se a lei de troca dos bens mediatiza a relação direta do homem com o seu produto. Tudo se desarruma, por conseguinte, quando a atividade de produção se afasta do seu objetivo inicial, quando, em vez de produzir apenas para si mesmo, o homem primitivo produz também para os outros, *sem troca e sem reciprocidade*. Só então é que podemos falar em trabalho: quando a regra igualitária de troca deixa de constituir o ‘código civil’ da sociedade, quando a atividade de produção visa a satisfazer as necessidades dos outros, quando a regra de troca é substituída pelo terror da dívida.” (CLASTRES, 1974/2012, p. 210) (grifo do autor)

O autor mostra aí a diferença do selvagem amazônico para o índio do império inca, no qual, no primeiro caso a produção consiste apenas para, em suma, viver enquanto o segundo “trabalha, de mais a mais, para fazer com que os outros vivam”.

<sup>2</sup>[O alemão ‘*Recht*’ significa tanto ‘direito’ quanto ‘lei’]

Além dos grandes impérios incas, maias e astecas já dados como sociedades estatais de exploração, em seu princípio não economicamente estabelecidas, mas, anteriormente, política, o autor vai arqueologicamente buscando as origens do poder na sociedade tupi-guarani através da figura dos chefes, que, ao contrário de outras tribos, obtinham grande poder diante de seu povo, sendo, inclusive, nomeado por cronistas franceses e portugueses, na época dos primeiros contatos, como “reis de província” ou “régulos”.

Em sua pesquisa, Clastres atribui forte importância ao surgimento do poder centralizador devido à grande quantidade de pessoas existente na sociedade tupi-guarani alegando que para que uma sociedade seja primitiva, se faz necessário que ela seja numericamente pequena. A partir desse crescimento populacional, aos poucos uma sensação de “mal-estar” vai paulatinamente tomando corpo conforme cresce esse fantasma social nomeado como *Um*, vindo a ser chamado também de *Mal* e interpretado em Clastres como Estado. Junto a esse sentimento de angústia que acompanha a gradual ascensão de poder político dos chefes, aparecem profetas para canalizar essa imanescente procura de alguma coisa que se perdeu e que ameaça o funcionamento ancestral de sua tribo incitando aos índios que tudo abandonassem em busca de uma *Terra sem Mal*, do paraíso terrestre. “Habitados pelo sentimento de que o antigo mundo selvagem tremia em seu fundamento, perseguidos pelo pressentimento de uma catástrofe sociocósmica, os profetas decidiram que era preciso mudar o mundo, que era preciso mudar de mundo, abandonar o dos homens e ganhar o dos deuses.” (CLASTRES, 1974/2012, p. 228).

Entretanto, se desenvolve a ideia de que, ironicamente, esses profetas contrários à elevação de poder dos chefes, unificam, através da migração religiosa, a diversidade múltipla das diferentes tribos tupis-guaranis, realizando “de um só golpe, o ‘programa’ dos chefes!” (ibidem). Diante disso, não se sabe qual sociedade indígena, caso as Grandes Navegações atrasassem um ou dois séculos, os europeus encontrariam.

Obviamente se impõe necessário um maior estudo quanto ao início do espectro do Estado e a luta contra seu surgimento nas ditas sociedades primitivas, relacionando-o ao princípio da exploração política e econômica das não-primitivas junto à luta de classes dela pertinente.

Retornando para o passado mais próximo, e menos especulativo, até os dias atuais - o qual era abordado antes da “colonização”, admito até então inesperada, dos índios na página anterior -, falávamos das fontes de sofrimento do humano nomeadas por Freud. Ao passo que a terceira e mais angustiante compõe o relacionamento do homem com seus semelhantes, e será tratada mais delongadamente.

Investigando a origem da riqueza no capitalismo, Marx toma como ponto de partida de sua análise a forma elementar dessa riqueza, a mercadoria. O que é uma mercadoria? A primeira característica de qualquer mercadoria é ser um objeto que, “por suas propriedades, satisfaz

necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia” (MARX, 1867/2004, p.57) [7]. Desse modo, toda mercadoria deve possuir valor-de-uso, de acordo com a satisfação das necessidades daquelas pessoas que pertencem ao sistema social.

O valor-de-troca, por sua vez, é estabelecido pela quantidade de trabalho tomada em sua concepção final. Quanto mais trabalho humano necessário para a realização da matéria finalizada - da mercadoria - maior seu valor monetário. “O dinheiro, como medida de valor, é a forma necessária de manifestar-se à medida imanente do valor das mercadorias, o tempo de trabalho” (MARX, 1867/2004, p.121).

É através do valor-de-troca que o homem, enquanto operário, se alienará “vendendo”<sup>3</sup> seu valor-de-uso para o capitalista. O salário, o significante que define a importância do trabalhador enquanto detentor de um valor útil à produção da mercadoria, é definido, dentre outras importâncias, pelo excedente de mão-de-obra disponível que rege fundamentalmente o modo de produção capitalista: o exército de reserva. O salário, portanto, como significante, é empregado como o representante da representação do trabalho humano para o significante-mestre que consiste no *capital*, que se apresenta, por sua vez, em todos os póros do humano; na convivência com seus semelhantes ou, inclusive, consigo próprio.

O capitalismo, em sua tentativa intrínseca de transformar valor-de-uso em valor-de-troca, trata de produzir mercadorias, mesmo que não estejam momentaneamente presentes na demanda social. Então, a partir daí, é elaborado um trabalho de criação artificial (alheia à natureza das necessidades do ser humano) de demanda através da oferta. A propaganda é a “alma”, portanto, do motor da máquina de invenção de “necessidades” do sujeito. Essa forma de alocação que se propaga incessantemente - sem luz no fim do túnel -, pertence à quinta e predominante modalidade de discurso postulada por Lacan, o Discurso Capitalista.<sup>4</sup>

O discurso, como laço social, é uma forma de emparelhar o gozo com a linguagem na medida em que, como Freud diz em 1929/1930, todavia não pelas presentes palavras, o processo civilizatório implica a renúncia da tendência pulsional junto ao desenvolvimento das relações interpessoais negando a inclinação humana de tratar o próximo como objeto a ser consumido para obtenção de prazer; sexualmente e fatalmente. Pois, segundo a psicanálise, se incorporando aqui de Thomas Hobbes, a tendência do homem é ser lobo do homem.

<sup>3</sup> [Porém, não sem prejuízo. Como veremos em breve].

<sup>4</sup>[As outras formas de Discurso são 1. Discurso do Mestre; 2. Discurso Universitário; 3. Discurso do Analista; 4. Discurso da Histórica, conforme aparece no ensino de Lacan em sua obra “Seminário XVII – O avesso da Psicanálise”, 1969-1970].

“O Discurso do Capitalista não é regulador, ele é segregador. A única via de tratar as diferenças em nossa sociedade científica capitalista é a segregação determinada pelo mercado: os que tem ou não acesso aos produtos da ciência. Trata-se, portanto, de um Discurso que não forma propriamente laço social mas segrega: daí a proliferação dos *sem*: terra, teto, emprego, comida, etc.” (QUINET, 1999) [8]

Aqui já se faz necessário analisar a questão da *mais-valia*, fundamentalmente inovadora na práxis marxista para interpretar o funcionamento econômico e político do modo capitalista de produção.

O trabalhador ao *vender* sua força-de-trabalho em troca do salário disponibiliza ao patrão - o contratante e dono, portanto, de seu valor-de-uso - sua mão-de-obra para que se firme uma relação de exploração vertical através do trabalho diário, cujo modo de funcionamento nitidamente opressor e desumano é abarcado “naturalmente”<sup>5</sup> pelo modo de vida social entre homens.

Ao se estabelecer, então, tal relação de “venda” da força-de-trabalho temos implicadas algumas situações. O patrão ao empregar o operário em sua produção obterá uma margem de lucro a fim de, no mínimo, permanecer em sua lucrativa posição de chefia. Como esse “a mais” de dinheiro, que será em partes vertido em capital, não pode ser obtido pela simples posse de matéria-prima ou dos meios de produção, o processo rentável será, obrigatoriamente, a terceira fase do processo de produção, isto é, a força produtiva de trabalho. Tal força é historicamente construída pelo homem, estabelecendo socialmente, portanto, seu valor-de-troca, mesmo que substituído posteriormente pela mecanização tecnológica.

A *mais-valia* decorre de um valor de uso da força-de-trabalho, próprio ao trabalhador e que lhe pertence com exclusividade, mas que lhe é tomado. De acordo com essa dinâmica, para que a lucratividade do senhor chefe, dono de todos os meios necessários à produção, seja realizada, o trabalhador, o operário, há de *deixar de ganhar* pelo seu trabalho. Entretanto, para que a economia não entre rapidamente em colapso e permaneça sempre em movimento permitindo, inclusive, seu progresso, o trabalhador recebe uma pequena parte do resultado final de seu trabalho para que ele tenha condições de permanecer-se vivo, produtivo e em condições, mesmo que mínimas, de consumir.

5[Desta falsa e perigosa “naturalização” da exploração regida pela produção de capital podemos rapidamente abrir um parêntese e pensar em quê consiste, por exemplo, um sistema de saúde privado, se todos os humanos são possuidores de um corpo, vulneráveis, e, ainda mais, destinados a doenças e à morte, como abordado anteriormente junto a Freud? E um sistema educacional igualmente privado? Por que existe? Não podemos chegar senão à resposta de que a existência do inverso do objeto de tais instituições – a doença e a ausência de educação – é essencial para o lucro, assim como o desemprego é fundamental para a existência da exploração lucrativa do empregado. Essa visão “naturalista” é assustadora se pensarmos hoje, 2013, na corrente proposta de privatização do sistema penitenciário brasileiro tomando por comparação os Estados Unidos que acataram aos presídios privados e tem atualmente a maior população carcerária do mundo. Isto é, se produz mercadoria rentável (pessoas) em qualquer âmbito possível, quer seja na saúde, na educação, no sistema penal...]

A estabelecida relação exploratória, portanto desigual, que se forma através do patrão-operário é proveniente do Discurso, já abordado anteriormente, que comanda os laços sociais de acordo com seu modo de funcionamento.

“O Discurso do Capitalista difere do Discurso do Mestre/senhor que estabelece um laço social entre aquele que manda e aquele que trabalha, como aparece em Hegel na constituição da consciência de si na dialética do senhor e do escravo. Neste há uma articulação entre o desejo de um com o desejo do outro, entre a vida e a morte, entre o trabalho e a casa, entre o objeto e o gozo. Nessa dialética, o saber transformador que é o trabalho está do lado escravo. No Discurso do Capitalista não há mais vínculo entre o senhor moderno, o capitalista, e o proletário. A figura do capitalista de hoje tende a desaparecer e no lugar dominante temos a figura impessoal do capital globalizado. O Senhor Absoluto moderno, que vem no lugar hegeliano da Morte, é o Capital em relação ao qual, vaticina Lacan, somos todos proletários.” (QUINET, 1999)

Nas diferentes explorações políticas e econômicas das relações humanas em sociedades anteriores o explorador se fazia presente. Havia uma troca, uma dialética, mesmo que regida muitas vezes por sentimentos de ódio, entre explorador e explorado. Nessa relação, o vassalo, o escravo, o servo detinha um *saber* do trabalho. Ele o sabia fazer e, não obstante, acompanhava todo o processo de seu trabalho, não fragmentando-o e, portanto, não alienando-se da transformação que sofria seu produto até seu final já previamente arquitetado. Tal prática, de certo modo, empoderava o sujeito explorado na relação com seu senhor. Hoje, a relação tende a se impessoalizar, se tornando virtualmente consolidada e, desse modo, mais longínqua; como quando queremos reclamar de um serviço ou cancelá-lo pelo telefone, por exemplo, somos passados, jogados, de um ramal a outro; de um setor a outro até ou nossa desistência, ou à queda da ligação ou, na minoria das vezes, chegarmos à pessoa certa para falar, após uma considerável perda de tempo e *gozo*. Este exemplo serve para diversas buscas de contato direto que partam verticalmente de baixo para cima nos mais variados âmbitos.

Essa perda de gozo através da burocracia distanciadora, que responde à relação de exploração, sempre favorece aquele cujo poder lhe pertence. Tal distanciamento colabora com uma naturalização da construção capitalista de opressão pela mais-valia. Esta, mais que o lucro que é apenas o contabilizado da equação de exploração, consiste, em âmbito maior, da abdicação do operário de seu gozo de viver de acordo com seu desejo e trabalho plenos. O trabalhador renuncia a horas que não lhe são pagas diariamente em todo dia que acorda cedo para trabalhar. Nesse montante que ele trabalha sem ganhar, ele fomenta o combustível do movimento sistematizador do capital. Quando ele vende seu valor-de-uso para trabalhar horas “gratuitamente” para seu senhor, está abdicando de seu tempo, de sua saúde, de sua vida, de seu gozo que lhe seria de direito para fazer o que poderia vir a querer com essa energia “investida”, cotidianamente, pelo seu trabalho.

Esse investimento cujo operário injeta numa espécie de Entidade não lhe retorna de modo integral e tampouco é absorvido totalmente por seu patrão. Este - que “não existe”, visto que Lacan

afirma que somos todos operários - fica apenas com o montante capturado desse investimento, o lucro. Este investidor, com seu lucro, investe ainda mais em sua fonte de lucro, de modo a abdicar também do gozo que poderia ter com ele, pois necessita verter esse dinheiro em capital para que continue a ter dinheiro para que tenha, então, mais capital. De modo que o dono dos meios de produção não goza nem do que produz através da mão de obra de seus empregados (se ele tem uma fábrica de fios de cobre, não os utilizará para si, mas para vendê-las), nem, integralmente, do valor que adquire com o que se lhe produzem, já que, caso agisse de tal forma, o modo de produção arruinar-se-ia quase que instantaneamente.

A Entidade, detentora do destino incondicional de toda mais-valia, que absorve tanta energia diária de todos os que pertencem ao dado modo de produção é como que um banco imaginário por excelência que detém, portanto, os gozos acumulados que não se expressaram em vida que restaram da equação entre operário e patrão. E, funcionando como o perfeito (e, por isso, impossível) capitalista, não dá acesso a ninguém usufruir de tal investimento energético intangível e infinito, talvez justamente por assim sê-lo. Tal acúmulo, tal gozo perdido para sempre é buscado igualmente para sempre como um objeto a ser recuperado. Essa eterna busca nunca totalmente satisfeita é o *mais-gozar*, nomeado por Lacan.

Através desta formulação Lacan vai creditar a invenção do *sintoma* a Marx, por meio da mais-valia, para além do mero lucro. Aqui, pode-se ver claramente uma ligação com a compulsão à repetição de Freud lapidada em “Além do Princípio de Prazer”, de 1920, na busca do gozo perdido; inclusive que pode ser enxergado em Marx, quando este trata do operário operando, em seu trabalho descontextualizado e fragmentado, os instrumentos de trabalho de modo repetitivo e automático; de modo, portanto, *não-consciente*.

Althusser [9] inclusive aborda a extrema importância contra-hegemônica das duas teorias através de seus respectivos objetos - o marxismo pelo Materialismo Histórico e a psicanálise por meio do inconsciente -, rompendo com o discurso da Moral kantiana.

“É fácil compreender que a Moral tenha a necessidade de um sujeito consciente de si, ou seja, responsável pelos seus atos, para que possa obrigá-los, *em consciência*, a obedecer as normas cuja imposição pela força resulta menos econômica. (...) sujeito que deve ter consciência das leis que o forcem (Kant), mas sem obrigá-lo *em consciência*” (ALTHUSSER, 1976/2000, p. 84-85) (grifo do autor)

Com o sintoma estabelecido a partir de Marx – não que não tenha existido antes dele, porém sem essa materialização -, Lacan trabalha o conceito de sujeito dividido, sujeito barrado. Aquilo que cinde o sujeito são vários fatores em conjunção. É a linguagem, é o recalque, é o sintoma, é o sujeito do inconsciente, é a dívida (retomando aqui o primeiro parágrafo deste artigo) infinita do sujeito para com o patrão, que em verdade é inversa, mas que, não obstante, é do próprio sujeito

consigo mesmo. Sua dívida com seu próprio gozo perdido. Barra-se aqui, portanto, a noção de *indivíduo*, de modo que o sujeito é, sim, naturalmente dividido e civilizatoriamente endividado: \$.

Na busca do sujeito por seu gozo perdido, o sistema capitalista produz e reproduz vorazmente a demanda do sujeito através da larga oferta difundida pela propaganda, como abordamos há pouco. Trata-se de disponibilizar para o \$ a promessa de recuperação deste almejado gozo pela compra de mercadorias – *gadgets* – que estão ao alcance da mão. O sujeito, portanto, adquire aquele produto recuperando em partes um gozo transformado, agora, em mercadoria; não obstante, efêmera em sua maioria dos casos, proporcionando a intensa rotatividade de produtos de modo a não cessar o consumo e, ainda, tornando-o cada dia maior.

A ingestão constante e sem fim de tais gadgets proporciona uma mudança nas relações e uma nova modalidade de interações sociais ligadas a esse insaciável e retroalimentador consumo. As propagandas pululando e povoando nossas vidas e a oferta cada vez mais ascendente de demanda, representados pela mercadoria nova que surge, torna a vida social mercadológica e, assim, efêmera, na qual buscamos uma nova experiência, uma nova relação, um novo sentimento, uma nova pessoa, um novo lugar para sair, uma nova droga, uma nova paquera de novo, um novo regime, um novo emprego, uma nova câmera fotográfica para registrar uma nova viagem para publicar novamente na internet. Busca-se uma nova novidade numa sociedade na qual, se diz usualmente, “o novo nasce velho”. O produto passa a dominar o produtor; o outro surge como um ser alheio, estranho, e as relações intersubjetivas transcorrem sob o signo do estranhamento e da hostilidade crescente; finalmente a vida coletiva passa a ser subordinada ao “ensimesmado” narcisismo barato comprado em boutiques, academias de musculação, livrarias e farmácias.

## Notas de referências bibliográficas, filmográfica e endereços eletrônicos

- [1] <http://origemdapalavra.com.br>, acesso em 21/09/2013.
- [2] FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III), 1915-1916[2006], in *Edição Standard Brasileira*, p. 317.
- [3] FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos, 1914-1916[2006], in *Edição Standard Brasileira*, p. 191.
- [4] FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos 1927-1931[2006], in *Edição Standard Brasileira*, p. 84-85.
- [5] Taylor, A. Zizek!, Canadá e Estados Unidos, 2005.
- [6] CLASTRES, P. A Sociedade Contra o Estado, in *Cosacnaify portátil 3*, 1974[2012], p. 210.
- [7] MARX, K. O capital: crítica da economia política. Livro I, v. 1., 1867[2004], in *Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*, p.57.
- [8] QUINET, A. A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade, in *lacanian.memory.online.fr*, 1999, acesso em 21/9/2013.
- [9] ALTHUSSER, L. Freud e Lacan – Marx e Freud, 1976[2000], in *Graal 4ª edição*, p. 84-85.

## Bibliografia

ALTHUSSER, L. Freud e Lacan – Marx e Freud, 1976[2000], in *Graal 4ª edição*.

ELIA, L. F. O operário e a histérica: dois sujeitos modernos, 2007, in *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 14, p. 823-840.

FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III), 1915-1916[2006], in *Edição Standard Brasileira*.

\_\_\_\_\_. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos, 1914-1916[2006], in *Edição Standard Brasileira*.

\_\_\_\_\_. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros Trabalhos 1927-1931[2006], in *Edição Standard Brasileira*.

LACAN, J. O seminário livro 17, O avesso da psicanálise, 1969-1970[1992], in *Rio de Janeiro: Jorge Zahar*.

\_\_\_\_\_. Seminário 16, De un otro al otro, 1968-1969, in *Psikolibro*, pdf.

LUSTOZA, R. Z. O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social, 2009, in *Ágora (Rio de Janeiro) vol.12 no.1*.

MARX, K. O Capital – Vol. I, edição resumida por Julian Borchardt, 1931 [1967], in *Zahar Editores*.

\_\_\_\_\_. O capital: crítica da economia política. Livro I, v. 1., 1867[2004], in *Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*.

QUINET, A. A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade, in *lacanian.memory.online.fr*, 1999, acesso em 21/09/2013.

## **Filmografia**

Taylor, A. Zizek!, *Canadá e Estados Unidos*, 2005.